



Recebido em:
18/07/2017
Aprovado em:
22/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

ENSINO SUPERIOR PRIVADO E SUAS RELAÇÕES COM O SABER: quem são os estudantes que conseguem uma vaga

KARINA SALES VIEIRA

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

RESUMO

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma investigação do mestrado em Educação que buscou analisar as relações com o saber de estudantes universitários que ingressam numa instituição privada do interior da Bahia mediante o auxílio de programas governamentais, tais como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade para Todos (ProUni) e mesmo aqueles implementados pela Instituição como é o caso do Programa de Acolhimento (ProVIDA). Nessa perspectiva, neste artigo apresentar-se-á o perfil geral desses acadêmicos, resultado dos dados obtidos a partir da aplicação de questionário. A pesquisa, sustentou-se em uma investigação qualitativa, com amparo nos trabalhos de Bernard Charlort e Alain Coulon. O estudo apontou um perfil de estudantes jovens, oriundos de camadas de baixa renda, que ultrapassaram a escolaridade dos pais e chegaram à universidade.

Palavras-chave: Ensino Superior Privado. Acadêmicos bolsistas. Relação com o saber.

ABSTRACT

This article presents part of the results of an investigation of the Masters in Education that sought to analyze the relations with the knowledge of university students who enter a private institution of the interior of Bahia through the aid of governmental programs such as the Fund of Student Financing (Fies) And the University for All Program (ProUni) and even those implemented by the Institution such as the Host Program (ProVIDA). In this perspective, this article will present the general profile of these academics, result of the data obtained from the application of questionnaire. The research was based on a qualitative research, with support in the works of Bernard Charlort and Alain Coulon. The study pointed to a profile of young students, from low-income classes, who surpassed their parents's schooling and arrived at university.

Keywords: Private Higher Education. Scholarship holders. Relationship with knowledge.

Introdução

O ensino superior tem sido cada vez mais demandado por jovens e por adultos que retornam aos bancos escolares depois de muitos anos de afastamento. Essa busca pode ser relacionada à pressão exercida pelo mercado de trabalho que exige profissionais mais capacitados, ou mesmo à expectativa de melhorias de vida, de um futuro melhor.

Muitos jovens desejam ingressar numa universidade, porém uma grande parte deles não consegue ingressar seja ela pública ou privada, possivelmente pelas lacunas advindas da educação básica, como também a impossibilidade de assumir os altos custos que tal situação exige. Nesse cenário de dificuldades para o prolongamento da escolaridade e das desigualdades de escolarização entre as classes sociais, se insere o contexto do início do século XXI onde se vive a centralidade do conhecimento. Assim, tem se colocado como temas importantes no debate nacional a expansão e democratização do acesso ao ensino superior. Imbuídos nessa lógica, muitas instituições estão sendo reformadas e nesse processo, uma das missões é tornar as universidades mais eficazes e eficientes no desempenho de suas funções (ROSA, 2013), bem como mais acessíveis de modo a democratizar e expandir a educação superior, reduzindo as dificuldades de prolongamento dos estudos e as desigualdades de escolarização entre as classes.

Nessa esfera de reestruturação, surgiram novas formas de acesso ao ensino superior por meio de programas, tais como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), que se constituíram em políticas públicas apresentadas para atender aos interesses do Estado de expandir o acesso a esse nível de educação a baixo custo, bem como para atender aos interesses do mercado. (ROSA, 2013). Desse modo, as instituições foram sendo reconfiguradas, sobretudo as privadas, promovendo o acesso de estudantes de baixa renda. Isso porque as ações governamentais foram primeiramente direcionadas para o setor privado, embora também tenha tido o aumento do número de vagas para as universidades públicas.

Com as mudanças ocorridas no Fies e no ProUni em 2015 junto à crise econômica pela qual passa o país, as matrículas reduziram e a evasão tornou-se cada vez mais acentuada. Diante disso, muitas instituições de ensino superior pensaram em medidas emergentes que pudessem contornar, ou minimizar o problema.

O programa é um projeto de acolhimento aos estudantes com baixo poder aquisitivo, sobretudo para os que optaram pelo Centro Universitário AGES e não conseguiram o Fies, ou não são bolsistas do ProUni. O ProVIDA foi criado no primeiro semestre de 2015 como medida emergencial para passar pelas instabilidades que começam a se instalar no segundo semestre do mesmo ano. Portanto, os alunos bolsistas desse programa são o resultado das instabilidades dos dois programas governamentais. Para ser beneficiado por ele faz-se necessário que os estudantes atendam aos requisitos abaixo que se encontram dispostos no site oficial do UniAGES:

1. Ser excedente do FIES (não ter sido contratado pelo programa, independente de sua vontade);
2. Ter concluído o ensino médio;
3. Ser aprovado no processo Seletivo 2016.1 (vestibular AGES ou comprovar média superior a 400 pontos no ENEM);
4. Solicitar inscrição no ProVIDA e cumprir o calendário de seleção.

Desse contexto emerge a questão da relação com o saber desses estudantes na condição de universitários ingressantes. Referimo-nos aqui àqueles do Centro Universitário AGES para os quais foi traçado o perfil geral. Para Charlot (2006), os estudantes chegam à universidade já portadores de uma relação com o saber, com os estudos e com a universidade, a qual foi construída ao longo de sua história, sobretudo, de sua história escolar, pois antes de adentrarem à universidade eles já foram alunos de uma educação básica. Diante disso, traçar o perfil geral dos estudantes é necessário para a compreensão de suas relações com o saber estabelecidas no ambiente universitário.

Nessa configuração, a pesquisa ocorreu com 170 estudantes de cursos de licenciaturas bolsista do Fies, ProUni ou ProVIDA que ingressaram no ano de 2015/ 2016 numa Instituição privada de Ensino Superior no interior da Bahia. A esses estudantes foi aplicado um questionário com perguntas fechadas e organizadas em dois grandes blocos temáticos, respectivamente: *Perfil Geral dos estudantes e Vida acadêmica*. Nesse artigo será apresentado os resultados do primeiro bloco. Os sujeitos são, detidamente, estudantes do calendário noturno e calendário alternativo[1] que estavam cursando o 1º e 2º período no ano de 2016 (mais precisamente no primeiro semestre desse ano). Partindo disso, a pesquisa envolveu um curso de licenciatura representativo de cada centro de conhecimento[2] implantado no UniAGES, segue: Biologia, 2012 (Ciências Biológicas); Educação Física, 2008 (Ciências da Saúde); Matemática, 2012, Física, 2014, e Química, 2014 (Ciências Exatas e da Terra); Pedagogia, 2007 (Ciências Humanas);

Letras, 2001 (Linguística, Letras e Artes)[3]. A definição dos cursos tomou como premissa considerar aqueles cursos com maior número de estudantes matriculados, pois assim ter-se-ia uma base mais ampliada de dados. No entanto, como os cursos do Centro de Exatas registravam um baixo número de matrículas, optou-se por três cursos.

O Centro Universitário AGES campo em que se desenvolveu a pesquisa, localiza-se no município de Paripiranga (BA), uma cidade do interior da Bahia, situada a aproximadamente 360 km de Salvador e 110 km de Aracaju, capital de Sergipe. Está localizada na Zona Fisiográfica do Nordeste, com uma área de 436,6 Km², ficando totalmente incluída no Polígono da Seca, pertencendo ao Nordeste do Estado da Bahia, na microrregião do Agreste de Alagoinhas. Faz fronteira com o Estado de Sergipe a leste e sul, nos municípios de Simão Dias, Poço Verde e Pinhão.

Partindo desse contexto, a questão da relação com o saber é condição importante na construção do sucesso acadêmico e mantém afinidade com o perfil geral dos estudantes. Portanto, a questão que intitula o texto procura expressar a imbricação entre a representação dos estudantes do UniAGES e suas maneiras de se relacionar com o saber universitário, o que inclui aqui a questão da afiliação, como condição para o sucesso acadêmico, tal como se discutirá a seguir.

A Relação com o Saber no Ensino Superior

Investigar estudantes do ensino superior imbricado com a teoria de Charlot é, antes de tudo, reconhecer que de fato as relações estabelecidas na universidade são bem diferentes das que se tinham antes de ingressar nesse universo (CHARLOT, 2013). O espaço universitário exige do estudante uma nova forma de enxergar o mundo, de lê-lo, compreendê-lo, por isso a entrada nesse espaço é um momento novo no percurso escolar, às vezes causando estranhamento, que marca a necessidade de aprender um ofício igualmente novo, o de estudante universitário. Aprender-lo significa afiliar-se à universidade num plano tanto institucional como intelectual (COULON, 2008). Afiliação pressupõe uma relação com o saber e com a instituição que pretende divulgá-lo. Por isso, Charlot *apud* Coulon (2008) diz que afiliar-se à universidade é uma condição para que se possa estabelecer relação entre os sujeitos e o saber. Portanto, “aprender o ofício de estudante universitário permite e supõe tornar-se e sentir-se um verdadeiro universitário, aquele que tem acesso a universos fora do mundo trivial, compartilhados com outros ‘membros’.” (CHARLOT *apud* COULON, 2008, p.13).

Por tudo isso, entrar no ensino superior é mergulhar em um universo totalmente novo e diferente dos já vivenciados fora dele. É deixar-se imergir nas suas regras, nas suas linguagens, nos seus códigos. É desenvolver autonomia, pensamento crítico e científico, espírito de pesquisa, saber se pronunciar, ser investigador, participativo, mas sobretudo, permitir que ela entre em você. Por isso, a entrada na vida universitária carece que se passe do estatuto de aluno ao de estudante (COULON, 2008). Os saberes universitários desses estudantes, segundo Neves (2012), nada mais são do que um alargamento dos saberes efetuados durante a vida, não se constituindo, assim, em uma especificidade. Trata-se dos saberes frutos das Aprendizagens Relacionais e Afetivas, ligadas ao Desenvolvimento Pessoal e Aprendizagens Cotidianas. Diante disso, para esses estudantes aprender é desenvolver formas de ser e de estar que os ajudem a compreender a sua existência, a se posicionarem diante dos outros e da vida e a possibilitar alcançar seus objetivos. E o saber nesse ambiente universitário constitui em um tipo reconhecidamente novo.

Partindo desse contexto, segundo Neves (2015) a universidade é hoje composta por um público heterogêneo e que mantém relações novas e diversas com o saber. Em sua pesquisa foi percebido que a universidade é procurada por três motivos: primeiramente pela possibilidade de através dela ter-se uma formação profissional, o que significa que a maioria das aprendizagens está ligada ao exercício futuro da profissão; segundo, porque ela possibilita a formação pessoal, isso porque para os sujeitos da pesquisa da autora aprender os conteúdos profissionais e científicos parece ser um processo que implica em mudanças no modo de se verem a si mesmos, aos outros e ao mundo, por meio das várias formas de subjetividade, as quais não estão ligadas ao cognitivo e linguístico; por fim, a universidade é procurada, e assim valorizada pela formação intelectual, quando há uma mobilização em relação ao saber tomado como um conteúdo intelectual, a partir do qual se pode compreender o mundo e suas relações.

Por tudo isso, é notável que os estudantes que se tem hoje são mobilizados de diferentes maneiras para ingressar na universidade, a grande maioria por desejar uma profissão e, por conseguinte, um futuro promissor, mais do que pelo desejo de saber, conhecer, dominar um conteúdo intelectual. Assim, adentrar numa universidade implica ingressar em

um mundo profundamente linguístico, onde a linguagem é muito codificada e normatizada, pois somente através dela o saber pode ganhar um caráter científico, de maneira que ser “científico” é antes de tudo não “falar qualquer coisa” (CHARLOT, 2006), ou seja, é falar sustentado em referenciais teóricos, em pesquisas, em estudos, é dizer não na linguagem e pensamento do senso comum, mas baseado em leituras profundamente racionais. É por isso que adentrar a universidade é construir uma nova identidade e elaborar uma nova relação com o saber (COULON, 2008).

Uma vez conduzidos para esse novo espaço, os estudantes são convidados a realizar a transição do status de aluno de ensino médio para o de estudante universitário (COULON, 2008). Fazer a passagem, é conhecer que nesse espaço é necessário desenvolver um novo *habitus* de estudante, é preciso compreender a lógica e as regras da instituição para poder afiliar-se, enfim é importante desenvolver uma nova relação com o saber.

No ensino médio, as questões burocráticas são bem mais simples. A matrícula é feita pelos seus responsáveis anualmente, os trabalhos escolares não exigem tanto rigor nas normas, é por isso que Coulon (2008, p.35) diz que a “passagem para a universidade é acompanhada de modificações importantes nas relações que o indivíduo mantém com três modalidades fortemente presentes em toda a aprendizagem: o tempo, o espaço e as regras do saber.” O tempo, porque as aulas na universidade não têm mais a mesma duração que no ensino médio, o ano não é contínuo e sim recortado em dois períodos, as avaliações acontecem em tempos, modos e ritmos diferentes. Espaço, porque o colégio é bem menor que a universidade, assim muitos acabam encontrando dificuldades de se locomover no espaço sem se perder, muitos não sabem onde ficam a secretaria, o banheiro, as salas de aula. Por fim, as regras do saber, são altamente modificadas, isso pelo laço que é estabelecido entre o ensino superior, os saberes e a atividade profissional futura. Por tudo isso, à medida que essas modificações vão ocorrendo, que a intimidade com a universidade vai se alargando ela se torna, para uns, uma terra de prazeres; para outros, configura-se como um local de trabalho penoso, intenso, cansativo, doloroso (BICALHO, 2004).

A universidade, por tudo isso, é de fato um espaço novo, onde o estudante depara-se com a demanda de um novo tipo de relação com o saber. A inserção, portanto, nesse novo tipo de relação convive com a relação prática com o saber, desenvolvida por ele em sua experiência profissional ou construída no senso comum. O sucesso então, no estabelecimento da relação acadêmica com o saber está coligado, por um lado, às relações de saber estabelecidas com os professores e, por outro, à relação construída pelo estudante em sua trajetória escolar anterior (BICALHO, 2004). Por isso, embora haja diferenças entre a relação que se estabelece com o saber no ensino médio e no ensino superior, as relações construídas naquele são basilares para as construídas na universidade. Há, portanto, que se repensar as práticas docentes na educação básica.

Por tudo isso, conhecer o perfil dos estudantes: a familiaridade e informação sobre a vida acadêmica, qual sua origem social, escolaridade da família, escola de educação básica... pode apontar para uma relação com o saber própria daqueles que vem de meios sociais em que a universidade não aparece como caminho natural. É sobre esse perfil que trataremos a seguir.

Achados da pesquisa

O ingresso em uma universidade impõe ao estudante mudanças radicais em sua rotina pessoal e familiar, na relação professor aluno, nas condições de sua existência, sobretudo na relação com o saber intelectual, mas também com o saber institucional, pois a instituição universitária tem exigências diferentes daquelas que caracterizam os estabelecimentos de ensino médio (COULON, 2008). A universidade requisita do estudante uma nova relação com o saber, uma nova postura epistêmica em termos de “vocabulário, de conceitualização, de hábitos de leitura e de escrita, de pensamento, enfim, de um conjunto de operações intelectuais que caracteriza o trabalho acadêmico” (COULON, 2008, p. 68). O estudante, portanto, que ingressa em uma universidade, é proveniente de uma educação básica nitidamente distinta do cotidiano do ensino superior. Coulon (2008) discute essa transição de cotidianos ressaltando as modificações que acompanham o estudante nessa passagem. Modificações importantes nas relações que o estudante mantém com o tempo, o espaço e o saber.

É notável como o tempo na universidade destoa do tempo no ensino médio. Administrar essa temporalidade é uma das exigências do ensino superior, e uma dificuldade dos estudantes. Situar-se no espaço, encontrar os ambientes com facilidade é uma prática corriqueira no ensino médio. A universidade, por outro lado, exige do estudante um tempo

maior para familiaridade com a atmosfera do ensino superior. O ponto mais espetacular, segundo Coulon (2008, p. 35-36), reside na relação com o saber:

Quanto à relação com o saber, ela é totalmente modificada quando se entra na universidade, ou pela amplitude dos campos intelectuais abordados, ou em razão de uma maior necessidade de síntese ou ainda, por causa do laço que o ensino superior estabelece entre esses saberes e a atividade profissional futura.

Esse conjunto de mudanças que ocorrem com o estudante que ingressa na universidade, leva-o a experimentar, nos primeiros dias, dificuldades de compreensão do vocabulário universitário, de sua gramática e referências. Dificuldades de se adaptar às regras institucionais, ao ensino universitário, ao saber acadêmico, ao tempo, ao espaço, enfim, à dinâmica própria da universidade. Há um hiato que separa esse estudante dessas competências acadêmicas, pois estas são distintas das exigidas no ensino médio, por isso é inegável que há uma mudança na relação com o saber. Segundo Coulon (2008, p.231), somente depois da afiliação intelectual é que será possível ao novo estudante universitário “navegar com facilidade na organização, exposição e utilização adequada dos saberes”.

Segundo Charlot (2006), a experiência dos primeiros semestres é vivida como uma mudança brutal em relação ao ensino médio, como uma transformação nos processos de transmissão dos conhecimentos, na relação com o saber e na produção escolar. Assim, ainda segundo o autor, a dificuldade maior dos estudantes é estudar, ou melhor, “trabalhar”, de maneira autônoma. Trabalhar nesse contexto supõe responsabilidade com as tarefas, dominar suas ferramentas, identificar e aprender suas regras, a consagrar um tempo significativo a esse novo ofício.

Para Coulon (2008) a primeira tarefa do estudante ao ingressar na universidade é aprender o seu ofício, para não fracassar na trajetória acadêmica. “Aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto-eliminar-se porque se continuou como um estrangeiro nesse novo mundo” (COULON, 2008, p.31). Ser estudante universitário é, portanto, torna-se membro, afiliar-se à instituição. Por afiliação, o autor agora citado, entende ser o método através do qual o estudante adquire um novo status social. O vir a ser estudante universitário é um processo pelo qual os estudantes passam e que recebe influências sociais, culturais, familiares, bem como de sua história escolar, entre outros aspectos que produzem efeitos nos estudantes, favorecendo-os, ou não, no processo de afiliação e na relação estabelecida com o saber acadêmico.

A origem social, a trajetória escolar, escolarização dos pais, são algumas variáveis que, embora não sejam determinantes, têm relação com os modos diferentes de viver a academia e de aprender o ofício de estudante, bem como com os diferentes tipos de relações estabelecidas pelos estudantes com o saber acadêmico. Nessa configuração,

O cenário acadêmico dos estudantes pesquisados do UniAGES é constituído marcadamente por bolsistas. Dos 170 que são bolsistas, 53% são do ProVIDA, programa instituído pela própria instituição em função das instabilidades do Fies e ProUni. Nesses últimos programas tem-se respectivamente 38% e 9% de estudantes.

No que se refere ao sexo, um novo cenário se instala. Se durante muitos anos o ensino superior esteve restrito aos homens, hoje a universidade é nitidamente marcada por um público feminino. Dos 170 estudantes de 1º e 2º períodos atendidos por um dos programas (Fies, ProUni e ProVIDA), 69% corresponde ao sexo feminino e 31% ao sexo masculino, 1% não respondeu.. As mulheres têm saído mais de casa para trabalhar, tanto que “[...] a presença de mulheres na força de trabalho na América Latina vem aumentando de forma consistente e significativa nas últimas décadas” (CRUZ, 2005, p.69), e o mercado de trabalho continua exigindo, qualificação e escolarização mais elevada. “Dados mais recentes sobre o alunado das universidades brasileiras mostram que as mulheres já representam a maior fração entre os estudantes matriculados e concluintes. Em 2001, elas representavam 56,3% do total de matrículas (3.030.754) e 62,4% do total de concluintes no ensino universitário” (LETA, 2003, p.275). Conforme o Censo da Educação Superior de 2013, a quantidade total de ingressos em cursos de graduação para o referido ano foi de 2.742.950. Nas instituições privadas, 57,2% são do sexo feminino e 42,8% do sexo masculino. Os percentuais observados nas instituições públicas para o sexo feminino e masculino são respectivamente 51,4% e 48,6%[4].

Quanto a faixa etária, os estudantes pesquisados são, em sua grande maioria, jovens[5]: 29% são estudantes que têm até 18 anos, 57% deles estão na faixa de 18 a 25 anos, e 14% têm mais que 25 anos. A diferença de percentual é

sempre de 1%. Embora tenhamos nessa amostra um quantitativo acentuado de jovens, no panorama nacional, referindo-se à educação superior, na faixa etária de 18 e 24 anos, apenas 9% dos jovens brasileiros frequentam a universidade, segundo Neves, (2012). Por outro lado, pesquisas mais recentes apontam que do total de jovens, em 2014, nessa faixa etária, 58,5% frequentavam a universidade[6].

A juventude tem sido encarada como fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, por vezes definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações, nos anos 60. Outras vezes entendida como a fase dos “problemas” de emprego e de entrada na vida ativa (PAIS, 1990, *apud* SPOSITO, 1997). De todo modo, a juventude é um período da vida em que a questão de “vir a ser alguém” torna-se premente. Nesse sentido, para vir a ser alguém subjetiva e socialmente deve-se também saber e aprender. Assim, tornar-se universitário é, concomitantemente, entrar em novos espaços do saber e assumir uma nova identidade, novas relações com os outros e consigo mesmo (CHARLOT, 2006).

Os estudantes ingressos mais jovens da amostra, saíram recentemente das salas de aula do Ensino Médio, portanto, têm muito presente a cultura de estudo típica desse nível de ensino e, logo, relações com o saber próprias desse cotidiano, as quais divergem das exigências de uma universidade. Os estudantes com mais de 25 anos, compõem o grupo que retorna as cadeiras de estudo depois de anos afastados do estudo. Para esses, as dificuldades de afiliação, e de se relacionar com o saber acadêmico, da maneira como exige a universidade, são ainda mais difíceis.

Dos estudantes pesquisados 50% estudam no Calendário noturno e 50% no alternativo. Os estudantes do Calendário alternativo compõem um grupo de universitários que investem mais para estudar e manter-se na universidade, isso porque gastam com aluguel, decorrente de ficarem três dias na cidade, semanalmente[7]. Têm gastos com alimentação (café da manhã, almoço, janta e lanche). Deixam família, pai, mãe, às vezes esposo (a) e filhos em suas cidades para vir estudar. Sem o auxílio do Fies, do ProUni e do ProVIDA esse estudo ficaria ainda mais dispendioso, pois além dos gastos elencados, teriam que custear as mensalidades.

Quando perguntados com quem moram, 68% dos estudantes declaram morar com a família (pai, mãe, irmãos, ou algum desses), isso segue em consonância à faixa etária dos estudantes, em sua maioria jovens. Sobre a religião dos estudantes pesquisados, 62% declararam ser católicos, 23% evangélico, 3% espírita, 10% sem religião, conforme quadro abaixo. Os dados evidenciam a presença da religião católica entre os estudantes, embora haja alguns que declaram não ter religião.

É importante destacar que há uma pequena quantidade de estudantes que se declaram Espírita (3%), Testemunhas de Jeová (1%), ou Budista (1%). Supõe-se que de fato haja poucos dessas religiões ou que talvez escondam a religiosidade devido às agressões verbais que podem estar vitimados, pois ainda se veiculam discursos de que ser do Testemunho de Jeová, ou Budista, ou Espírita sejam religiosidades satânicas. Assim, no momento em que se favorece ou desfavorece determinados grupos identificados por sua etnia, religião, sexo, etc., e se nega a legitimidade de existir e de se exprimir, abrem-se as portas para as práticas preconceituosas e discriminatórias, coibindo muitas pessoas de assumirem sua identidade.

Outro aspecto perguntado foi sobre a forma como os estudantes da amostra se mantêm financeiramente, do total de 170, 2% declararam ser estagiários; 18% exerce trabalho informal (sem carteira assinada), 7% desempenham uma função com carteira assinada (trabalho formal); 34% dizem receber mesada dos pais ou parentes; 21% fazem “bicos”, aqui entendido como um trabalho temporário de pequenos e diversos serviços; 3% declaram se manter com recursos financeiros da poupança, e 15 % mantêm-se de outros modos, como babás, dando aula de reforço, trabalhando na terra – agricultores. Atentemos que 63% têm uma remuneração advinda de algum tipo de trabalho, exceto os que têm poupança e recebem mesada. Diante desse panorama, parece que estamos diante de estudantes universitários profissionais que enfrentam o desafio de ter que conciliar estudo e trabalho. “As escassas possibilidades de trabalho e renda fazem da universidade, por um lado, exigência do mercado de trabalho e esperança de melhoria das condições de trabalho e de vida e, por outro, um investimento alto sem retorno garantido”. (BICALHO, 2004, p.31).

No que se refere à renda familiar dos estudantes pesquisados, 54% possui renda até R\$880,00[8]; para 36% dos estudantes a renda familiar é até 2 salários mínimos; para os estudantes com renda superior a 2 salários mínimos totalizam-se 9%. Apenas 1% não respondeu. Assim, temos 90% de estudantes provenientes de camadas de baixa renda, portanto, de jovens que enfrentam maiores dificuldades para ter acesso ao lazer, a bens culturais e materiais, bem como de estudantes que podem ter sido vítima de ensino médio com pouca ou nenhuma qualidade, não

favorecendo o sucesso do aluno na universidade. A mesma realidade é também vislumbrada na pesquisa feita por Bicalho (2004, p.169) com estudantes de uma universidade privada, a Univale, no município de Governador Valadares. Os resultados indicaram que:

A maior parte dos sujeitos da pesquisa (não só dos alunos entrevistados mas também dos outros estudantes dos cursos da Faculdade de Ciências, Educação e Letras) pode ser classificada como integrante da classe popular. Oriundos de famílias cuja renda familiar é baixa [...].

Quando perguntados sobre a classe social a qual sua família pertence, 28% diz pertencer à classe pobre; 36% dos estudantes indica pertencer à classe média baixa; já 31% diz pertencer à classe média; à classe média alta 5%, e nenhum declarou pertencer à classe alta. Esse é um panorama que difere pouco do que os estudantes da amostra dizem sobre a renda familiar. Vê-se que 54% dizem possuir renda familiar de até 1 salário mínimo (R\$880,00), no entanto, apenas 28% dizem pertencer à classe pobre. Essa é a avaliação subjetiva que eles fazem de sua posição social. Sobre esse aspecto, Charlot (2000) critica a atribuição de relação causal direta entre classe social e fracasso escolar. Ele utiliza o termo *posição social subjetiva* para se referir a atividade do sujeito interpretar e em atribuir sentidos diferenciados à posição social da família em que nasce.

Nesse contexto, somando os estudantes que disseram pertencer à classe pobre e à classe média baixa, tem-se um total de 64%. Extrai-se disso, que são valores muito próximos aos dos estudantes que possuem renda de até um (1) salário mínimo. O cenário remete ao fato que dos 176 estudantes que responderam ao questionário 97% são bolsistas ou do Fies, ProUni ou ProVIDA, ou seja, são estudantes de baixa renda. Diante disso, esperar resultados com porcentagem elevada para classe média alta e alta seria uma incompatibilidade com os critérios estabelecidos pelos programas para sua adesão.

Os programas foram uma forma de fazer da universidade um lugar acessível. Segundo Sampaio (2000), o século XX foi marcado por transformações no sistema de ensino superior: o acesso a esse nível de ensino deixa de ser exclusivamente da elite para se destinar também à massa, situação nitidamente observada entre os estudantes do UniAGES.

No que se refere à escolaridade dos pais, os dados revelam a predominância do ensino fundamental incompleto: 48% correspondem aos pais e 44% às mães. A quantidade de pais que concluíram o ensino médio é baixa: 10% dos pais e 21% das mães. Um dado marcante é a quantidade de pais que nunca foram à escola: 20% pai e 12% mãe. Apenas 3% dos estudantes disseram ter pais (pai e mãe) que concluíram o ensino superior. Sobre esse aspecto, tem-se: 92% dos pais e 96% das mães dos estudantes pesquisados não chegaram ao ensino superior. Extrai-se que mais de 90% dos estudantes da amostra são sujeitos que ultrapassaram a escolaridade dos pais e chegaram à universidade. São sujeitos que conseguiram driblar os constrangimentos e tirar vantagens das muitas dificuldades da vida.

Diante disso, a pouca escolaridade dos pais indica a origem do universo social e cultural dos estudantes, tem relação com o ofício dos mesmos, nos tipos e hábitos de leitura, na atividade de ler e produzir textos, enfim, no sentido que ele atribui ao saber acadêmico, e à própria condição de universitário, no entanto, não é uma relação causal, automática e direta. Ou seja, a origem social do aluno não tem relação direta com seu sucesso e fracasso escolar. Há sim uma influência, mas não é um determinante. Há que se contemplar a individualidade, a história singular do estudante. Segundo Charlot (1996), é preciso dar importância às práticas de ensino e às políticas específicas das instituições escolares.

A baixa escolaridade dos pais associada às limitadas condições financeiras que caracterizam a maioria das famílias dos estudantes pesquisados (90% declararam renda de até dois salários mínimos) indica a impossibilidade de viabilizar aos filhos o acesso a uma educação básica que possa ser considerada de qualidade e/ou que prepare a contento esses jovens para as exigências que caracterizam o ensino superior. Em consonância a isso, 91% dos estudantes pesquisados disseram ter cursado o ensino fundamental todo em escola pública e 93% o ensino médio. No total entre ensino fundamental e médio, apenas 7% disseram ter cursado em instituição privada.

Se o ingresso ao ensino superior já é cercado de dificuldades e estranhamentos, será ainda mais para esses estudantes que não herdaram da educação básica o capital cultural[9], social, econômico e intelectual que pudessem

reduzir barreiras e limitações no ensino superior. Em decorrência dessa situação, o aluno da escola pública, portanto, sente certas dificuldades na universidade, tendo de empreender mais esforços no sentido de minimizar as lacunas de aprendizagem ou então solicitar orientações do professor, a fim de não ficar marginalizado entre os colegas da turma (BERGER, 2010).

Em relação ao número de vezes que repetiu o ano (série), 64% dos estudantes declaram nunca ter repetido, 32% que repetiu uma vez e apenas 5% dizem ter repetido duas ou mais vezes. Se mais da metade dos estudantes dizem nunca ter repetido, presume-se que exerceram o ofício de estudante como uma profissão e tiveram sucesso escolar e que aprenderam estabelecendo uma relação com o saber. No entanto, quando se sabe que mais de 90% dos estudantes tiveram uma trajetória escolar exclusivamente pública e que esta não potencializa a qualidade da educação, pode-se então pensar nas considerações de Charlot (2000) quando diz que o aluno pode aprender sem estabelecer relação com o saber, sendo portanto, outros os tipos de relação que o mobiliza como a vontade de agradar aos professores, o medo dos pais, o medo de não passar de ano, até mesmo a promessa de um futuro promissor, são relações que contribuem para a não reprovação.

Além do exposto, há hoje, por recomendação do Ministério da Educação (MEC), a política da não reprovação, valendo desde 2011 para os três primeiros anos do ensino fundamental, mesmo que o aluno não tenha alcançado a média exigida, as escolas públicas não devem retê-los. Mesmo sendo uma resolução voltada para os três primeiros anos, há casos nas séries mais avançadas. Segundo a Secretaria da Educação Básica, além do desgaste emocional, a repetência tem um custo financeiro. “Para cada ano repetido na escola, o custo da educação aumenta em pelo menos 50%. Embutido nesse custo há uma mina de ouro a ser explorada racionalmente pelas escolas, capaz de aumentar em igual percentual, só com o fim da repetência, os investimentos destinados à educação” (GARSCHAGEN, s.a).

Considerações finais

A entrada na universidade é um processo social e singular. Social, pois os acadêmicos ocupam uma posição social, e almejam posições mais vantajosas, marcadas por melhores empregos e condições econômicas. Singular, pois cada sujeito que investe seu tempo e seu dinheiro é mobilizado por desejos ímpares. Cada sujeito tem uma história que é única, interpreta o mundo, dá sentido tanto a sua história, quanto ao mundo, e as relações estabelecidas com os outros.

Esta pesquisa, portanto, propôs-se a apresentar parte dos resultados obtidos na investigação que resultou na dissertação do mestrado intitulada *Estudantes universitários de uma instituição privada e suas relações com o saber: de espectadores a protagonistas*. Nessa o objetivo era analisar a relação com o saber acadêmico dos estudantes de Licenciatura do primeiro e segundo semestre do Centro Universitário AGES no município de Paripiranga (BA) no contexto dos programas governamentais, ProUni e Fies, e dos não governamentais, o ProVIDA.

O panorama sobre o perfil geral dos estudantes pesquisados do UniAGES elucida que a investigação está diante da presença de sujeitos em sua maioria, jovens, do sexo feminino e que ultrapassaram a escolaridade dos pais, provenientes de estratos sociais menos privilegiados, bolsistas de um dos programas (Fies, ProUni ou ProVIDA), educação básica preponderantemente pública, cuja renda familiar mensal atende aos critérios dos programas dos quais fazem parte.

Cada sujeito dessa pesquisa, embora componha o conjunto da amostra, é único, dotado de desejos e movido por eles (CHARLOT, 2000), e por isso cada sujeito tem uma relação com o saber que é particular e também social. Assim, esse cenário não pode determinar o sucesso ou fracasso do estudante, pode sim evidenciar diferentes relações com o saber e diversas formas de mobilização para o saber acadêmico.

[1] Nomenclatura para se referir respectivamente a alunos que estudam no turno noturno durante os 5 dias úteis da semana, e alunos que optaram por estudar nos finais de semana sexta (manhã, tarde e noite) e sábado (manhã e tarde).

[2] Os centros de conhecimento organizados e apresentados pela Instituição, onde se enquadram os cursos estão

disponíveis em:

[3] Data de início do funcionamento do curso disponível no link:

[4] Informação disponível em: Disponível em: Acesso em 16 de agosto de 2016.

[5] Implica, no Brasil, referir-se a pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos, segundo referência da Secretaria Nacional de Juventude, disponível em: Acesso em 16 de agosto de 2016.

[6] Informações disponíveis em: <
<http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/12/numero-de-estudantes-universitarios-cresce-25-em-10-anos>> Acesso em 24 de agosto de 2016.

[7] São estudantes que chegam quinta à noite e retornam para as suas cidades aos sábados depois da aula, por volta das 18h.

[8] Tomaremos como o salário mínimo, o valor em vigor em Janeiro de 2016.

[9] Capital cultural é uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. [...] Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. Além do capital cultural existiriam as outras formas básicas de capital: o capital econômico, o capital social (os contatos) e o capital simbólico (o prestígio) que juntos formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder. (SILVA, 1995, p.24).

REFERÊNCIAS

BERGER, Miguel André. Trajetória e progressão do aluno da escola pública no ensino superior: desafios e relação com o saber. In: CHARLOT, Bernard. (org.) **Juventude popular e universidade: acesso e permanência**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

BICALHO, Maria Gabriela Parenti. **Ensino Superior Privado, Relação Com o Saber e Reconstrução Identitária**. Belo Horizonte, 2004, 194 páginas. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais.

CHARLOT, Bernard. As novas relações com o saber na universidade contemporânea. In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (dir) **Ensino Superior, Educação Escolar e Práticas Educativas Extra-Escolares**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2006, p. 11-31.

_____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº 97, p.47-63, maio de 1996.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

CRUZ, Maria Helena Santana. Matrizes nos estudos sobre gênero e trabalho. In: **Trabalho, Gênero e Cidadania: Tradição, Modernidade**. Aracaju: Editora UFS, 2005.

GARSHAGEN, Sérgio. **Ensino: o dilema da repetência e da evasão**. Disponível em: <
http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1162:reportagens-materias&Itemid=39>
Acesso em 27 de Julho de 2016.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**. Vol.17 nº 49, p.271-284, Setembro-Dezembro, 2003.

NEVES, Eloiza Dias. **As relações com o saber acadêmico de estudantes universitários**. Goytacazes, RJ, 2005. 107p. Relatório Técnico. Universidade Federal Fluminense (UFF), 2015.

_____. **Os estudantes da UFF-Campos: quem são e suas relações com o saber**. Goytacazes, RJ, 2012. 79 p. Relatório Técnico (Pós-Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense (UFF).

ROSA, Chaiane de Medeiros. Políticas Públicas Para a Educação Superior no Governo Lula. **Póiesis Pedagógica**, Catalão-GO, v.11, n.1, p. 168-188, jan/jun. 2013.

SAMPAIO, Helena Maria Sant'Ana. **O ensino superior no Brasil: o setor privado**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **INFORMARE** – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, v.I, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.5 p. 37-52, mai.-ago. 1997.